



## Encontro Inter-regiões - Sudeste

Região Sudeste - Evento Virtual  
De 1 a 31 de outubro de 2020



### EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

<b>INSCRIÇÃO</b>	00434
<b>INSTITUIÇÃO</b>	Universidade Presbiteriana Mackenzie
<b>CAMPUS</b>	Higienópolis
<b>CIDADE</b>	São Paulo
<b>UF</b>	SP
<b>CATEGORIA</b>	JO
<b>MODALIDADE</b>	JO07
<b>TÍTULO</b>	Tem mulher nessa roda (?) Debate sobre o corpo feminino e a luta das mulheres por espaços na capoeira
<b>ESTUDANTE-LÍDER</b>	Ariovania Soares Pereira da Silva
<b>CURSO ESTUDANTE-LÍDER</b>	Jornalismo
<b>COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:</b>	Hugo de Almeida Harris (Universidade Presbiteriana Mackenzie )

### DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

"Tem mulher nessa roda (?)" é uma reportagem digital, apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso em junho de 2019 para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, que discutiu as atuais dificuldades das mulheres na capoeira e a busca por direitos iguais nas rodas. Segundo referências utilizadas para este trabalho, o processo histórico dessa arte, reconhecida como símbolo de resistência na luta pela liberdade dos negros e descendentes de africanos, escravizados no Brasil, assimilou as desigualdades sociais. Os estudos apontam para um cenário majoritariamente masculino. Sob o conceito de gênero, deu-se a construção da imagem dos corpos, fator que colaborou para a divisão do trabalho social. Por muito tempo, homens ocuparam predominantemente espaços públicos, enquanto às mulheres cabiam as tarefas doméstica e familiar. Esse controle sobre os corpos se refletiu, ainda que de modo particular, nos grupos e relações de poder da sociedade, por exemplo, na prática da capoeira. Vista como uma identidade brasileira, a capoeira se caracteriza por agrupar em seus movimentos e expressões a dança, a luta, o jogo, o teatro e a música. Antes de ser admitida como parte da cultura brasileira, era marginalizada e criminalizada pelo Decreto Nº 847/1890 (Capítulo XIII). Além de ser censurada, o seu contexto histórico também aponta para o machismo e, conseqüentemente, traz a discriminação contra a mulher capoeirista. O aspecto físico foi tomado como critério de diferenciação, com isso, a atividade era associada exclusivamente ao homem. Ainda assim, existiam mulheres que disputavam espaços públicos, participavam de rodas e se envolviam em lutas corporais a fim de se defenderem de ameaças às quais estavam expostas. Outros fatores dificultaram a inserção da capoeirista. Até 1979 vigorou o Decreto-Lei Nº 3.199/1941, que proibia a prática de esportes incompatíveis com o papel da mulher na sociedade. Lutas e outras modalidades ditas para homens poderiam masculinizar o comportamento feminino. A partir do final da década de 1970, cresceu a presença feminina nesta atividade. Contudo, elas ainda reivindicam por respeito e valorização, devido a essa arte ainda carregar resquícios da desigualdade de gênero. Diante desse contexto, formulou-se a seguinte pergunta-problema: como uma reportagem digital pode colaborar com o atual debate sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na capoeira? O objetivo principal foi trazer a narrativa on-line como instrumento de voz que evidenciasse casos de discriminação e assédio nas rodas e a mobilização das mulheres por direitos iguais na capoeira. Como objetivo secundário, pretendeu-se desenvolver um produto digital, atrativo e interativo, contendo textos, vídeos, áudios, fotos, gifs e gráficos. O intuito foi criar um ambiente dinâmico e organizado que estimulasse o leitor a navegar pelas histórias de forma independente, dando a ele a liberdade de seguir a ordem dos capítulos. Também respeitar seu tempo de leitura e a necessidade de se encontrar no texto, quando decidisse voltar ao site. O interesse pelo tema se justifica pelo fato de que, embora alguns recentes artigos acadêmicos e matérias jornalísticas falem sobre as mulheres capoeiristas, não há registros aprofundados retratando suas atuais dificuldades nesta atividade. Percebeu-se poucos canais de pesquisa e de comunicação abordarem o presente, debruçando-se mais no passado, e quando há conteúdo, está de modo superficial ou com pouco espaço de fala. Como metodologia para desenvolver a narrativa digital, houve o estudo bibliográfico sobre o conceito de gênero e o controle dos corpos; a mulher na capoeira e suas dificuldades em acessar a roda. Após, uma síntese sobre a chegada da Internet; o formato de jornalismo on-line e as diretrizes para construir uma reportagem digital. Ainda, foi realizada uma pesquisa on-line, a qual contou com a participação de 39 capoeiristas, esses dados estão na reportagem.

## DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

A concepção de gênero foi encarregada de direcionar homens e mulheres a determinadas funções. Segundo análises da historiadora Scott em "Gênero: uma categoria útil para análise histórica" (Revista Educação & Realidade, 1995, p. 75), o termo é empregado para indicar "construções culturais" – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres". Portanto, uma ordem "imposta sobre um corpo sexuado". Segundo os autores Oliveira e Leal em "Capoeira, identidade e gênero: Ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil" (Editora EDUFBA: Salvador, 2009, p. 137-140), no final do século XIX, a disciplinarização dos corpos, em especial o feminino, foi determinante para a construção da identidade nacional. "À mulher (mãe) caberiam diversos atributos que lhe manteria voltada somente para o trabalho doméstico e para os cuidados com sua família [...]. Dessa forma, ser mulher era assumir qualificações próprias que a diferenciavam do homem" (p. 140). Esse papel era reforçado pela igreja, leis, normas, críticas em jornais e repressão policial, além das próprias mulheres também cumprirem a missão de instruírem umas às outras. A lógica estrutural precisava alcançar as camadas populares para eliminar comportamentos femininos considerados impróprios ao projeto de Estado. Aquelas que se desviassem do modelo exigido, "eram punidas pela legalidade e pela imprensa, que estampava suas vidas, seu cotidiano íntimo e suas tensões para o público [...]" (MATOS apud OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 159). Para as mulheres das camadas populares, viver nesse modelo era conflitante, devido às condições socioeconômicas. Por isso, conforme ainda explicam Oliveira e Leal (p. 120), apesar de a rua configurar como um espaço predominantemente masculino, no início do século XX, era possível encontrá-las trabalhando, ora como costureiras, ora vendendo quitutes e refrescos. Estas trabalhadoras desafiavam as leis de domesticação do corpo feminino. Por circularem em ambientes públicos, algumas se envolviam em brigas e discussões. Na cidade de Salvador, havia as que se relacionavam com capoeiristas, aprendendo as técnicas da arte-luta para se defenderem de seus parceiros ou, até mesmo, travarem competições entre elas (Ibid., p. 120-136). No entanto, essa atividade era destinada ao homem, sob o argumento de constituir força muscular e comportamento agressivo, o que reduzia o papel da mulher nas rodas. No processo de descriminalização dessa arte, iniciado em 1937, veio o Decreto-Lei Nº 3.199/1941, cujo artigo 54 dizia: "As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza [...]". O decreto foi derrubado com a Deliberação nº 10 de 31 de dezembro de 1979. Até esse período, observa-se pouca participação feminina ou, escassos registros que comprovem sua baixa ou grande presença nessa arte. Após a legalização e o reconhecimento da capoeira, como parte da cultura nacional, ainda é possível verificar a influência histórica, que concentrou a figura masculina nas rodas. No artigo "A mulher na capoeira" de Maria José Somerlate Barbosa (Arizona Journal of Hispanic Cultural Studies, 2005, p.11), pontua os anos de 1980 como o período em que elas começam a ficar mais ativas em grupos e academias. Segundo a autora (p.14), embora não diretamente, essa situação ocorreu por influência do feminismo e, principalmente, da Internet, que "tem ajudado muitas mulheres a ver que o jogo/luta/dança/ritual já se tornou prática comum em várias partes do mundo para ambos os sexos" (p.16). Porém, a autora (p. 19-21) lembra que há quem ainda veja esse espaço como de domínio masculino e, por isso, direciona uma preferência aos rapazes, instigando-os a darem continuidade a esse legado. Ela percebeu que, em grupos avançados, eles são maioria, ou seja, "são poucas as mulheres que conseguem chegar a altos níveis".

## DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

José Benedito Pinho, em "Jornalismo na Internet: planejamento e produção da informação on-line" (Summus, 2003, p. 50-55), cita o rompimento com a linearidade como uma das diferenças entre a Internet e os meios tradicionais. Por não impor uma sequência predeterminada das informações, permite ao usuário se movimentar ou saltar "entre os vários tipos de dados de que necessita". Há outros aspectos: instantaneidade e acessibilidade, pois a velocidade concede imediato consumo ou transferência de dados, dispondo-os por um longo período. E a interatividade, para ele, "o conteúdo on-line que não ofereça um padrão mínimo de interação tem pouco valor para o usuário e inibe a compreensão da mensagem". Pollyana Ferrari, em "Jornalismo Digital" (Contexto, 2010, p. 52 e 54), diz que é necessário se atentar ao "empilhamento de informações", problemas enfrentados em sites jornalísticos. Segundo ela, "o leitor [...] normalmente visita uma vez por dia um site noticioso", se os elementos forem dispostos dessa maneira, dificultará a assimilação do conteúdo. Diante disso, me inspirei nos modelos de reportagem do UOL TAB, que são interativos e atrativos, compostos por diferentes materiais, os quais se apresentam intercalados: vídeo, texto, gifs, fotos etc. Para desenvolver o site, utilizei a plataforma Wix.com. No intuito de propor um produto que respeitasse o ritmo de leitura, decidi organizar a reportagem em capítulos. Os assuntos se relacionam e, ao mesmo tempo, são independentes, o que dá ao leitor a liberdade de seguir a ordem proposta ou selecionar o capítulo desejado. Para guiá-lo, destaquei links internos e externos, trazendo referência a algo que deseje se aprofundar. Esses links se abrem em outra página, justamente para não tirá-lo do ponto de leitura. Quanto ao foco narrativo, utilizei a primeira e a terceira pessoa na intenção de dar direcionamento a alguns fatos e estabelecer relações com o leitor. Essa intenção de mesclar os dois ângulos narrativos veio com "O ribeirinho e a tartaruga", de Eliane Brum, a qual me mostrou que é possível o jornalista se colocar, em alguns momentos da reportagem, sem se sobrepor às histórias. Ainda, João do Rio, em "A alma encantadora das ruas", me estimulou a personificar a capoeira. No primeiro capítulo Vamos vadiar!, trago-a como uma mulher. Por meio disso, consigo associar a discriminação dessa arte com a das mulheres daquele período: ambas proibidas de acessar o espaço público, além de serem repudiadas ao carregar comportamentos ditos masculinizados. Para ajudar com algumas artes, convidei dois amigos, Reno e Fernando. Percebi que isso agregou ao intuito da reportagem, de gerar discussão sobre o assunto. Ambos nunca refletiram sobre a existência da mulher na capoeira, tampouco, as discriminações enfrentadas por ela. Encomendei gifs, o logo e as artes, tanto dos instrumentos musicais quanto das inseridas nos vídeos. Já os demais materiais foram feitos por mim, durante as visitas e entrevistas. O gif que abre a reportagem foi espelhado no vídeo que gravei e utilizei no último capítulo. O objetivo foi atrair o leitor para dentro da roda, pois de fora não sabemos a realidade, apenas vemos a beleza do jogo. Por isso, coloquei o ícone "entre". Os pontos de interrogação no meio da roda aludem ao título da matéria "Tem mulher nessa roda (?)". Esse recurso aponta para uma afirmação ou um questionamento, cabendo ao leitor tirar a interrogação dos parênteses ou enxergá-la na arte. Sobre os gráficos, foram criados por mim no site Piktochart, e animados com os recursos do Wix.com. Ainda utilizei ambientes complementares: YouTube, para alocar os vídeos, e o Instagram, para colocar fotos e depoimentos de outras mulheres não inseridas no site. Sobre os vídeos, optei por disponibilizar trechos inteiros de alguns momentos dos encontros, dando a liberdade ao leitor, segundo seus interesses, em assisti-lo ou não por completo.